

Elmano, a figura central

O homem que está comandando todo o processo de planejamento e execução das primeiras eleições representativas do Distrito Federal é um cidadão de João Pessoa que chegou a Brasília, vindo do Rio de Janeiro, quando a Capital Federal não tinha completado seu primeiro aniversário de inauguração. E que teve como primeira preocupação pedir a transferência de seu título de eleitor, logo que aqui chegou em 1961. Título que ele lamenta só ter podido utilizar uma única vez, no plebiscito realizado em 1962 sobre a manutenção ou não do parlamentarismo no Brasil.

Ele é o desembargador Elmano Cavalcanti de Farias, presidente do Tribunal Regional Eleitoral. Embora muito pouco tenha utilizado seu título eleitoral, há 32 anos ele vem lidando com urnas e votos. Em 1954, iniciou a vida profissional na capital paraibana ingressando no TRE como datilógrafo. Em março de 1957 foi para o Rio de Janeiro, sendo transferido no dia 3 de abril de 1961, pelo Tribunal de Contas da União, onde exercia a função de chefe de biblioteca.

LEMBRANÇAS

Elmano traz na memória cenas marcantes de seus tempos de pioneiro: o primeiro almoço no restaurante do GTB, onde hoje funciona a biblioteca demonstrativa do Instituto Nacional do Livro; a ampla vista do cerrado, nas proximidades da W-3, que lhe proporcionava seu apartamento da SQS 304; o silêncio, a calma, a amiga vizinhança dos velhos tempos; o contato com a natureza e o clima de recreio e alegria que predominava na cidade.

Quando ele chegou aqui, Juscelino Kubitschek não era mais presidente. Dos tempos de Jânio Quadros ficaram-lhe marcas as constantes ameaças de retorno da capital federal para o Rio de Janeiro e a consequente desvalorização de imóveis em Brasília. Lembra que

muita gente vendeu seus lotes a preço de banana. A renúncia do então Presidente da República veio agravar mais o mercado imobiliário.

Do período de João Goulart ficaram-lhe as lembranças das passeatas na Explanada dos Ministérios, os constantes movimentos grevistas e a ameaça de invasão do Plano Piloto pelos habitantes das cidades-satélites.

O movimento de 1964 lhe trouxe a impressão, quando ele já era defensor público, de que se pretendia manter o regime democrático contra o perigo de se repetir no Brasil o que havia acontecido em Cuba. Afirma também que o mercado imobiliário em Brasília se consolidou com a decisão dos governos militares de afastar a hipótese de retorno da capital.

Seu primeiro automóvel em Brasília foi azul turqueza meio puxado a verde. Do Fusca ele não tem mais notícias, mas o Opala comprado, zero quilômetro, em 1969 ainda está em seu poder. É nele que ele passeia, ao volante, pelos locais que mais lhe trazem recordações dos tempos pioneiros, como as margens do lago, onde funcionava a churrascaria em que fez seu primeiro almoço de domingo:

Diz gostar de dirigir: "Trabalho o ano inteiro sonhando com as férias de fim de ano, quando pego o outro carro, uma Caravan, e me mando com a família para a praia de Cambuínha, perto do porto de Cabedelo, nas proximidades de João Pessoa".

Além de atuar na Justiça Eleitoral, o desembargador Elmano de Farias ensina na Universidade de Brasília, onde há mais de 20 anos leciona Processo Penal e Direito de Família e Sucessões.

Tem três filhos. O mais velho (Paulo José) conclui este ano o curso de Engenharia Civil, na UnB; o segundo (André Luiz) se prepara para o vestibular e sua opção é o curso de Direito, e a mais nova, Lia, tem 7 anos.